

UMA MEMÓRIA VIVA

Cresci calada, cresci sem opinião, não podia perguntar nada que a minha mãe dizia logo “está calada, eles ouvem tudo”. Na escola não podíamos demonstrar algum tipo de espírito crítico. Não me lembro bem da escola, havia apenas duas salas, uma para os rapazes, cujas aulas eram dadas por professores e outra para as raparigas, cujas aulas eram dadas por professoras. Acho que também havia classes da manhã e da tarde, mas já não me lembro qual frequentava. Uma coisa de que ninguém se esquecerá é da palmatória ou de todos os castigos que existiam. Nas salas encontrava-se uma fotografia de Salazar e um crucifixo. Ao entrarmos na sala rezávamos o amor a Deus, à Pátria e à família e cantávamos o Hino “A Portuguesa”. Ao chegarmos ao fim da quarta classe, fazíamos exames de Português, Aritmética, História e Geografia e se não soubéssemos o suficiente não passávamos de ano.

Por certo, com os meus dez anos, quando terminei a quarta classe, fui para uma escola industrial e comercial para costura, pois, nesse tempo, havia duas espécies de tarefas, as dos homens e as das mulheres. As tarefas dos homens eram as tarefas da coragem e da força, depois as das mulheres que acima de tudo era ter filhos, guardá-los, tratá-los e dar-lhes educação, mas havia mulheres médicas, advogadas, professoras e mais algumas, mas o meu pai dizia para não nos fiarmos nelas e que o lugar das mulheres era em casa. Eu nunca conseguia perceber isso. Não percebia o porquê da minha mãe ser tratada como uma escrava pelo próprio marido e não poder votar, nem viajar sem autorização dele, mas não era só a minha mãe, eram todas as mulheres. Mas, para a minha mãe, o pior foi em 1961, quando o meu irmão, que tinha acabado de completar os seus dezoito anos, foi obrigado a partir para a guerra colonial, mas esse assunto não era muito falado na minha casa. A minha mãe não gostava de falar sobre isso, só sei que ela andava sempre com o seu terço a rezar. E se eu vos dissesse que de todas as coisas que éramos proibidos de fazer estava incluído beber Coca-Cola, jogar às cartas no comboio, andar de bicicleta sem licença e usar isqueiro. Claro que isto são apenas alguns exemplos de entre o leque das imensas proibições que tínhamos. E vocês que nasceram em democracia

poderão duvidar destes factos, o que é maravilhoso, pois não viveram neste estranho tempo onde era indecente uma mulher usar calças, quanto mais mostrar o umbigo à beira-mar!

Os anos foram passando e cada vez mais me apercebia do que era a ditadura e comecei a perceber o porquê de ter que estar sempre calada, o porquê de não poder dar a minha opinião. Nem eu nem ninguém, desde um músico, um escritor, um jornalista, até a mais simples pessoa não deveria ousar falar ou opor-se à ditadura e a Salazar. Como resultado de toda a minha revolta passei a apoiar os comunistas e foi em maio de 1968 que vivi o que não desejo a ninguém, como já mencionei anteriormente. O comunismo passou a ser a minha cor política. Apesar de não me ter juntado ao partido, uma das minhas amigas juntou-se à oposição e, a seu pedido, abriguei-a em minha casa até ela ter o seu bilhete de identidade falso. Ela já estava lá há alguns dias e ainda não tinha acontecido nada, até que no dia 2 de setembro de 1968 os agentes da PIDE seguiram-na até minha casa e, conseqüentemente, fomos ambas levadas por eles. Ao chegarmos, fomos bem recebidas, o que achámos estranho, mas não demorou muito até as torturas começarem. Eles eram muitos, mas a pior de todas era a PIDE Madalena, mais conhecida por “Leninha”, mas eu não gosto de lhe chamar assim, trato por apelidos a quem gosto e aquela mulher é um monstro. Eu fiquei lá 24 dias. Dessa forma acabei por receber algumas torturas. Fiquei numa sala com a PIDE Madalena e, enquanto ela me espancava, gritava “fala, senão saís daqui sem vida, chora, tens que chorar”. Ela era sádica, via-se a felicidade na sua expressão ao fazer-nos aquilo. Entretanto, no dia 26 de setembro saiu a minha sentença e pude voltar para casa. A minha amiga ficou lá mais tempo, passando por outras torturas, como a do sono, a tortura da estátua, o isolamento e outros tratamentos desumanos.

Um dia após a minha saída da sede da PIDE foi declarado Marcello Caetano Presidente do Conselho de Ministros, a 27 de setembro de 1968, devido a Salazar estar impossibilitado de governar.

Em 1972 foi concebido um livro escrito por Maria Isabel Berreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, *As Novas Cartas Portuguesas*. Após a publicação, a obra foi considerada deletéria ao regime e proibida pela censura,

foi aberto um processo contra as três Marias, por ser conteúdo pornográfico e atentatório da moral pública. O caso ficou internacionalmente conhecido chegando assim a jornais como, *Le Monde*, *Times*, *New York Times*, *Le Express*, entre outros, como as redes de televisão norte americana, até às manifestações feministas em várias embaixadas de Portugal no estrangeiro, devido à expansão que o caso tomou no dia da audiência, pois mulheres de todo o mundo juntaram-se à porta do tribunal da Boa-Hora incluindo eu e a minha amiga, que, apesar de ter ficado presa na sede da PIDE um ano e, com traumas para o resto da nossa vida, não podíamos demonstrar o medo, nem parar de lutar por aquilo que era nosso direito e pelas mulheres, fazendo, assim, a audiência ser adiada. Falei mais detalhadamente deste caso, pois foi o único que presenciei, mas todos os escritores, músicos, editores, e todos quantos lutaram contra o lápis azul são merecedores de reconhecimento e honra.

Naturalmente o tempo foi passando, continuava tudo igual. No dia 24 de abril de 1974 estava em casa com os meus pais que habitualmente ouviam rádio até que começou a tocar “E depois do adeus” de Paulo de Carvalho. Hoje sabemos que esta música foi a primeira senha para os soldados do movimento das forças armadas se prepararem e estarem a postos, e esta foi a música escolhida, pois era uma típica canção dos anos 70 e que acabara de vencer o festival da canção, sem conteúdo político e que, por isso, não levantaria suspeitas, o que resultou, pois ninguém que a ouviu no rádio suspeitou de algo. Uma hora depois de ter tocado “E depois do adeus” à meia-noite e vinte e cinco, já dia 25 de abril, começou a tocar na rádio “Grândola vila morena”, de Zeca Afonso, sendo esta a segunda senha que confirmou o arranque das operações, ficando, desta forma, a música associada a este dia.

O movimento das forças armadas era um movimento militar de esquerda, comandado por Otelo Saraiva de Carvalho. O papel mais importante coube à escola prática de cavalaria que partiu de Santarém pelo comando do Capitão Salgueiro Maia, na manhã eles ocuparam o Terreiro do Paço, e, na parte da tarde, o Capitão moveu parte das suas forças para o Quartel do Carmo, onde Marcello Caetano se havia refugiado. Lembro-me perfeitamente de me ligarem a dizer que estava a haver uma revolução. Quando fui para a rua, Marcello Caetano já se tinha rendido e todos tinham um cravo na mão, e isto porque um

soldado foi pedir um cigarro a uma senhora que consigo tinha apenas cravos e decidiu dar cravos aos soldados que os colocaram nos canos das suas armas, pois estes e muitas mais pessoas que lutaram plantaram a liberdade como já disse José Carlos Ary dos Santos "...ora passou-se porém dentro de um povo escravo alguém que lhe queria bem um dia plantou um cravo era a semente da esperança feita de força e vontade era ainda uma criança mas já era a liberdade...". Mais tarde, as floristas da baixa continuaram a replicar o gesto e, por esta razão, este dia também ficou conhecido por "A Revolução dos Cravos". Nunca me irei esquecer deste dia, uma vez que a felicidade estava esboçada na cara do povo. Estávamos todos a gritar e a cantar à liberdade. Assim fez-se Abril, mesmo sem sabermos o que aí vinha e as mudanças começaram a manifestar-se rapidamente.

No dia 26 de abril formou-se a Junta de Salvação Nacional. Todos os que estavam presos foram libertados, no dia 7 de maio o processo das três Marias foi encerrado. No dia 25 de outubro de 1975 acontece as primeiras eleições livres e forma-se o governo constitucional de Portugal, e o melhor de tudo, o regresso do meu irmão, que carrega traumas até hoje. Ele voltou para casa totalmente mudado, parecia que já nem o conhecíamos. Obviamente que ele estava feliz por estar de volta, mas chorava todos os dias. Precisou muito do nosso apoio, mas pouco nos contou do que lá aconteceu. Só eles sabem o que passaram e nós também não o pressionávamos a falar, só dávamos graças a Deus por ele ter voltado, pois muitos não tiveram essa sorte.

Hoje, abril pinta-se de vermelho e decora-se de cravos para homenagearmos quem um dia foi bravo e, apesar de 50 anos passados, nunca nos devemos esquecer de quem nos resgatou da ditadura e sempre agradecer aos que nunca desistiram de defender um povo que vivia preso às decisões de quem não tinha amor nem empatia pelo outro.

Porque o 25 de abril nos abriu a porta para a liberdade, cinquenta anos depois é preciso sabermos todos mantê-la aberta.